

FERNANDO DO Ó

MARTA



# Sumário

Capítulo 1 .....	9
Capítulo 2 .....	17
Capítulo 3 .....	45
Capítulo 4 .....	49
Capítulo 5 .....	53
Capítulo 6 .....	57
Capítulo 7 .....	65
Capítulo 8 .....	79
Capítulo 9 .....	83
Capítulo 10 .....	87
Capítulo 11 .....	103
Capítulo 12 .....	111
Capítulo 13 .....	123
Capítulo 14 .....	135
Capítulo 15 .....	143
Capítulo 16 .....	151

# 1

Marta achava-se extremamente nervosa. De momento a momento, largava sobre a cama o livro que embalde procurava ler e dirigia-se à janela de onde se divisava o pomar, no qual frondosas mangueiras se erguiam imponentes e majestosas, acariciadas pelos reflexos macios do luar.

Quem, de longe, por entre o arvoredado da quinta do velho sertanejo, olhasse para o quarto de Marta no instante em que ela alongava os seus olhares pela estrada deserta não teria dificuldade para apreender-lhe a beleza que o busto admiravelmente impecável, nas linhas e na forma, revelava sem mais esforço.

Cabeça magistralmente cinzelada, rosto levemente oval, onde se incrustaram dois ônix; ombros bem proporcionados, seios opulentos, mas sem exagero; altura mediana, tez ligeiramente morena, características das filhas das regiões setentrionais do país — tal, em traços rápidos, o esboço plástico da heroína deste livro.

Noite alta, entretanto, Marta não dava sinais de quem desejava, num sono reparador, restaurar as energias físicas e mentais despendidas durante o labor do dia.

No silêncio em que se mergulhara a quinta ao anoitecer, só se ouvia, de longe em longe, o balir de alguma ovelha tresmalhada

## MARTA

ou o agitar de asas de pássaros noturnos por entre o ritmo triste do seu canto fúnebre.

A filha do rude homem das brenhas chegou de novo à janela, agora excessivamente nervosa. Embora esse estado neurótico não lhe alterasse de maneira positiva os traços fisionômicos, desordenava-lhe, contudo, os gestos, ora precipitando-os, ora amolentando-os.

Dava pena vê-la assim: trêmula, medrosa, ousada, tímida, desvairada, como se pensamentos antagônicos se sucedessem vertiginosamente na satisfação diabólica de martirizá-la! Dava pena vê-la, já quase desesperançada, a olhar, com a persistência doentia peculiar aos dementes, a longa e erma estrada que se estendia, branca e sinuosa, à frente de sua casa, até se perder na sombra longínqua de um pedaço soberbo da serra da Borborema.

Inspirava compaixão o suplício daquela mulher de peregrina beleza, de olhos de ônix, a arfar os seios no seu desenvolvimento pleno sob o guante inquisitorial de uma ansiedade indescritível, ante o domínio fantástico dum estado d'alma desesperador!

Mas por que Marta não dormia? Que obsessão aquela de ficar à janela minutos a fio, sondar a estrada deserta como os corações que nunca amaram, erma como as almas dos desgraçados o são pela ausência absoluta de um bem que nunca morre?

Que poderoso motivo, que compromisso sagrado, que despótica vontade a tiranizavam assim, roubando-lhe o sossego do coração, a paz da consciência, a tranquilidade do espírito?

Que esperava aquela mulher, cujos gestos e impaciência a denunciavam como um ente verdadeiramente desventurado?

De novo o seu olhar mergulhou na estrada, àquela hora abandonada às carícias suaves e brandas da Lua que rolava no infinito. Abrindo desmesuradamente os olhos, já de si grandes, vivos, impacientes, assim se manteve quase cinco minutos para, em seguida, caindo sobre uma cadeira e cobrindo o rosto com as mãos requintadamente aristocráticas, murmurar, por entre lágrimas de arrependimento, de infelicidade e de dor, na angústia de um amor infeliz, de um grande amor sem esperança:

## FERNANDO DO Ó

— Como sou desgraçada!

E soluçando convulsivamente, chorando talvez a morte de suas ilusões, acalentadas, sempre, com carinho no seu coração de mulher, Marta, desalentada na infinita provação de um amor irremediavelmente perdido, se deixou ficar na cadeira.

Que fazer, pois? Que caminho deveria seguir agora que nenhuma esperança lhe restava, que convencida estava da ingratidão superlativa de Fábio, desse homem que abusara de sua confiança, de sua inexperiência de moça, desse homem a quem, apesar de tudo, ainda amava com as últimas energias de sua alma tremendamente vergastada, qual deserto, pelo furacão da desgraça? Oh! se o amava! E por que não ser assim, se fora ele o único homem que soubera falar-lhe ao coração a linguagem sublime do amor?

Amor! Sim, amor ou loucura, mentira ou verdade, sinceridade ou hipocrisia, fora ele, aquele ente com aparência de justo, de santo, e coração de lama, que assim — naquela noite silenciosa e morna, quando o arroio lá embaixo gemia sobre os seixos irregulares de seu leito minúsculo; quando, no céu, numa orgia de luz, entes vaporosos arrojavam pelo Infinito, com a força de mil gigantes, gemas coruscantes, astros em profusão — lhe fizera compreender o lado material da vida, soberbo e opulento em sensações estranhas que acabam sempre por se encerrar no seio pequenino de uma lágrima que se torna grande e sublime pela dor cruciante que a provoca.

E o tempo passava... E Marta meditava sobre sua imensa desgraça...

Fora ali, à sombra discreta daquela jabuticabeira — assim pensando, volveu os olhos para o sítio que se descortinava, agora, impreciso e vago, pois que a Lua se amortalhara no farrapo escuro de uma nuvem vagabunda —, naquela gloriosa noite de São João, que Fábio a estreitara em seus braços nervosos, sorvendo na taça vermelha de sua boca o filtro olímpico do amor, enquanto, no terreiro da casa, crepitava a fogueira, ao redor da qual brincavam crianças, sertanejos contavam histórias de currupiras e sacis-pererês, vaqueiros descreviam, na imprecisão atávica dos gestos, marcações arriscadas, e menestréis choravam, na poesia bárbara dos desafios, a sua grande mágoa, a sua infinita saudade ao som das cordas metálicas da viola.

## MARTA

Sim, fora ali que ela lhe entregara o seu corpo de virgem com o assentimento tácito do coração.

Por que não morrera após o crime, no calor sensual de seus braços, pagando, assim, com a vida, o único momento esperançoso de sua existência, agora maldita, mil vezes maldita e desgraçada?

E fora ali também, com o testemunho sereno das estrelas e com a cumplicidade criminosa daquela sombra, que Fábio dissera que, após dois meses, viria buscá-la, a fim de, mais tarde, no Rio, onde ele estudava Medicina, se unirem pelo matrimônio que a redimiria de sua culpa. No entanto, esse dia chegara e passara sem que o homem que a possuía desse sinal de vida. Nem mesmo cartas recebia mais. Entretanto, sabia-o de saúde, pois o Martinho, um infeliz que seu pai recolhera em casa certo dia, por ocasião de tremenda seca no Ceará, ouvia em casa dos pais de Fábio, quase que todas as semanas, a leitura das cartas do jovem estudante.

Que juízo poderia fazer desse homem?

Esquecera-a certamente e com ela o penhor de sua palavra de honra, agora, para Marta, simples farrapo de uma dignidade toda convencional.

E ela, para cúmulo de infelicidade em tal emergência, ia ser mãe, dentro de um, dois, quatro ou mais meses, e isso apenas por um golpe rude da fatalidade.

E os seus pais? Deus, que fazer?

A descoberta de seu crime seria a morte daquelas duas criaturas que tanto a amavam, adoravam mesmo.

— Como sou desgraçada! — gemia Marta no seu enorme infortúnio. — Que será de mim agora? — interrogava a infeliz no auge de um desespero que tocava as raias da loucura.

Não bem terminara sua pungente exclamação, reboou, no recinto do quarto, uma gargalhada satânica, saída talvez das profundezas de uma garganta diabólica a serviço de todas as potências malditas do averno.

Marta ergueu-se, de um salto, da cadeira onde, momentos antes, caíra esmagada sob o peso tremendo de sua desventura.

## FERNANDO DO Ó

Parece que aquela estentórica gargalhada a galvanizara no meio do quarto. Imóvel, hirta, olhos esbugalhados, assemelhava-se à estátua do pavor.

O artista que assim a contemplasse encontraria admirável modelo para, numa obra verdadeiramente sublime, imortalizar o seu nome. Quem ousara zombar assim de sua desgraça, precisamente no instante em que tinha diante dos olhos, ali mesmo, no âmbito estreito de seu quarto, a visão profética de um futuro terrível, fantástico, inconcebível? Quem? Silêncio profundo e impenetrável...

A asa negra de um pássaro noturno tangenciou em projeção o retângulo luminoso da janela que se desenhava, agora, na escuridão da noite, pois que a Lua de todo já desaparecera por trás do mastodonte granítico de um trecho da serra da Borborema — na areia do quintal deserto e silencioso.

Marta moveu-se e chegou à janela. Lançou um último olhar à estrada por onde um dia vira sumir-se, na primeira curva, a figura querida de Fábio, que levava para sempre seu coração. Nisso, ergueu as mãos à cabeça num gesto de quem se recorda de alguma coisa esquecida nos escaninhos da consciência e murmurou, transfigurada pela lembrança torturante de um acontecimento:

— A mesma gargalhada daquele dia, a um tempo feliz e desgraçado, repete-se neste momento para maior castigo! Onde vem? Impossível saber. Parece-me que vem de mim mesma, do meu próprio ser, pois que Fábio não a ouviu quando me cobria de beijos e de carícias! Acaso em mim residem duas almas: uma que canta e ri, gargalha e zomba, e outra que chora e geme; uma que mofa de minhas apreensões e cuidados, e outra que soluça ao peso esmagador de uma desgraça irremediável? Quem sabe se é começo de loucura? Antes assim o fosse porque, na grandeza de meu infortúnio, a minha consciência adormecida e a minha razão obliterada não poderiam aquilatar a força destruidora desse furacão de desditas que açoita, sem piedade, o meu triste coração de mulher.

Já os galos cantavam amiúde e o passaredo sacudia suas asas em curtos voos, ao redor, e Marta permanecia ainda de

## MARTA

pé, debruçada no peitoril da janela, com a cabeça a arder em febre. Meditava sobre aquela sacrílega gargalhada que, nos momentos felizes e amargos de sua vida, irrompia do seu eu, exteriorizando-se somente para si mesma, para maior tortura de seu espírito combalido em consequência de tantas emoções, de tantas dores.

Lembrava-se de que Fábio lhe dissera, quando ela ouvira pela primeira vez aquele gargalhar maldito, que seu estado de nervos a alucinava e, conseqüentemente, a fazia ouvir e ver certas coisas que só em sua imaginação exaltada tinham curso.

Queria, em face dessa explicação que lhe parecia satisfatória e aceitável, repelir ideias negras que lhe aderiam ao espírito como abutres insaciáveis, mas sentia-se impotente para dominar-se a si mesma.

Estava sendo vítima de uma obsessão cruel, horrível mesmo.

Coitada de Marta! Quando poderia supor que um dia, na idade dourada das ilusões, no período áureo da mocidade, quando tudo são alegrias e esperanças ridentes, se acharia, assim, perdida para todo o sempre, arrastando em sua queda existências preciosas e úteis a quem devia o seu bem-estar, a sua educação doméstica e literária?

Lembrou-se então de seu tempo ditoso de colegial, quando, menina ainda, interna de modelar estabelecimento de ensino da capital de seu estado, aguardava com visível ansiedade o encerramento do ano letivo, a fim de voar para a quinta querida, abraçar seus pais, o Martinho, que lhe votava afeição verdadeiramente angélica, trepar nas árvores do pomar, em cujos galhos possantes lhe parecia que os frutos eram mais saborosos.

— Como tudo se acaba, meu Deus!

Agora, parecia que as potências infernais, para recrudescerem os sofrimentos e as provações, avivavam na mente exausta de Marta os episódios felizes de sua vida desde o ponto que sua memória podia atingir até o momento em que se entregara a Fábio, esse mesmo Fábio que ela há oito dias esperava com torturante impaciência.



## FERNANDO DO Ó

Dois meses e oito dias, pois, já haviam decorrido após o crime e a partida do sedutor.

Esperava embalde o momento em que se devia realizar a sua fuga da casa paterna, com aquele a quem dera, num momento em que o desejo fez calar a voz da consciência, o seu corpo de virgem. Entretanto, ele não cumprira a palavra empenhada, de que viria buscá-la na noite do dia 15 de maio de 191..., visto que os pais de ambos se opunham ao casamento: o de Marta, por saber em Fábio um libertino, e o deste, por ter em Marta apenas uma jovem que gostava mais de romance e de baile que dos próprios arranjos da casa.

Tudo isso a coitada, já agora às imprecisas claridades do dia que despontava, rememorava com amargo sorriso nos lábios ressequidos pela febre.

Sim, talvez o velho Mário, pai de Fábio, tivesse razão.

Quem sabe se a leitura de romances não lhe trabalhara mesmo o caráter? Sim, porque as leituras duvidosas se insinuam na alma como estimulante, acordando sentimentos adormecidos nas criptas misteriosas da consciência.

Ela, porém, não era uma mulher perdida. Fora sempre sóbria nas palavras e recatada nos gestos. Agora, sim, era criminosa, mas alguma coisa, latente em seu âmago, lhe dizia que não era a maior culpada, não passava de vítima da maldade de um homem que lhe não merecia o amor.

Mas ninguém a defenderia; antes, pelo contrário. Conhecido o seu crime, todos a injuriariam, todos lhe lançariam à face a culpa e, por onde passasse, só o apodo da sociedade a receberia, dessa sociedade que podia evitar maiores desgraças se intervisse oportunamente e se fizesse sentir na vida dos desgraçados que, após cometida a primeira falta e por isso mesmo cruelmente castigados, vão rolando cada vez mais pelo declive do vício até morrerem com a alma e o corpo apodrecidos.

Só para a mulher existe o rigor das convenções sociais. Só para elas existe a culpa. Enquanto os homens — responsáveis imediatos por todas as desgraças humanas — espezinham cobardemente



## MARTA

a honra de seu melhor amigo, fazendo uso dos meios mais abjetos e revoltantes, a sociedade vai pedir à mulher contas de seus atos, enxotando-a de seu seio e permitindo — para cúmulo da imoralidade e do descaro — que o Don Juan, o adúltero miserando, continue a viver em seu seio, cercado de todas as considerações.

À mulher, não se lhe perdoa o erro, não se lhe admitem as vacilações no cumprimento do dever, ao passo que ao homem se dá o direito de matar, roubar, desonestar, adulterar, pois que, cumprida a pena a que foi condenado pelo tribunal da justiça popular, poderá reingressar no seio dessa mesma sociedade que ele salpicou de sangue ou lama.

À mulher, nunca! Cometida a falta, fecham-se-lhe as portas da sociedade, abrindo-se-lhe de par em par as dos bordéis, essas nódoas perenes e indeléveis atiradas à face poluída de uma sociedade injusta que se cadaverizou no vício e na hipocrisia!

Entretanto, se a mulher decaída tivesse dessa mesma sociedade, de onde ela saiu cabisbaixa pela vergonha da falta quase sempre cometida às instigações do homem, a assistência moral devida, e não um castigo que se prolonga pelo resto da vida, a humanidade não presenciaria o que hoje, alarmada, contempla e que nada mais é que o fruto de sua incúria, a obra de suas próprias mãos.

Proteger e amparar a decaída não é proteger o vício e amparar o crime, nunca! É uma medida de profilaxia moral, inspirada no amor e na justiça.

Não se diga que fazemos a apologia do crime! Não!

Combatemos o erro de uma sociedade imprevidente, cruel e inexorável para uns e displicente, tolerante e complacente em excesso para outros.

Ou o criminoso, após o cumprimento da sentença, reingressa na sociedade, redimido pela dor e como tal passa a ser considerado; ou, seja ele homem ou mulher, morre em eterno ostracismo, complemento direto da pena que a justiça social lhe infligiu.

Essa é a lei!

Mas voltemos a Marta.

